

Do Beijo da Noiva Mecânica



O BEIJO DA NOIVA MECÂNICA - ensaios sobre mídia e cotidiano (João Pessoa, Editora Manufatura, 2002) é o título do novo livro de Wellington Pereira, jornalista e professor doutor da faculdade de comunicação, da Universidade Federal da Paraíba. Trata-se de uma compilação de artigos que podem ser situados em dois níveis: um deles se dedica genericamente à linguagem jornalística, enquanto que o outro consiste numa produção de ensaios - publicados na imprensa local - com finalidades pedagógicas.

Contendo prefácio do escritor da Academia Paraibana de Letras e igualmente professor de Comunicação da UFPB, Hildeberto Barbosa Filho, esta coletânea de Ensaaios sobre Mídia e Cotidiano exprime uma conjugação feliz que reúne textos de jornalismo interpretativo, numa perspectiva inaugural, caracterizada pelo enfoque dos processos midiáticos à luz dos estudos do cotidiano e cuja fundamentação científica se realiza por meio de uma sociologia da comunicação. Wellington Pereira defendeu sua tese de doutorado na Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, em 1999, intitulada "O Cotidiano Velado - O Caso Collor de Mello na Revista VEJA", com a orientação de Michel Maffesoli.

Num primeiro relance o trabalho nos parece já instigante pela astúcia do seu título. O Beijo da Noiva Mecânica tem o mérito de lembrar as novas gerações para o primeiro livro de Marshall McLuhan (1951) - ainda menos contagiado pela integração aos condicionamentos tecnológicos dos "novos" meios de comunicação. O teórico canadense, conhecido pelo grande público das autorias delas expressões "aldeia global" e "o meio é a mensagem", usa, de forma provocante, "A Noiva Mecânica" como "O folclore do homem industrial", o que consiste num olhar humorado e instigante sobre a civilização eletromecânica, cuja mitologia dominante repousa sobre o culto do automóvel.

O resgate empreendido por Wellington Pereira se mostra relevante por vários motivos. Em primeiro lugar por nos "atualizar" com as idéias do jovem McLuhan, quando este propunha uma "vigilância deleitada" acerca da comunicação e da sociedade no começo do assédio dos audiovisuais. Mais tarde, em obras como "A Galáxia de Gutenberg, o surgimento

Cláudio Cardoso de Paiva
Professor da UFPB/PB

do homem tipográfico” (1962), “Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem” (1964), além de “Os Meios são as Massagens, um inventário dos efeitos” (1967) e “Guerra e Paz na Aldeia Global” (1968) - em co-autoria com Quentin Fiore, McLuhan não esconde o seu fascínio pela “tribalização tecnológica” da cultura ocidental. Então, o livro de Wellington é perspicaz em se remeter a um autor incontornável nos estudos de comunicação, aludindo a sua dimensão mais “crítica”. Em segundo lugar, “O Beijo da Noiva Mecânica” é inteligente também se considerarmos o fluxo dos debates correntes sobre as novas tecnologias de comunicação e sobre o cotidiano inteiramente irrigado pelas mídias. Privilegiando as formas tradicionais do jornalismo impresso, os seus escritos se movem atentos para a irradiação dos audiovisuais, especialmente da televisão, assim como para os “fatos diversos”, fabricados no contexto técnico-mercadológico dos mass media. Finalmente, o livro de Wellington Pereira é pertinente ainda pela construção de uma ponte entre os discursos proferidos nas escolas de comunicação e os discursos publicados nas páginas do jornalismo contemporâneo, aliando o público da academia - voltado para a produção de um argumento jornalístico mais sistemático - e o público formado pelos segmentos extra-acadêmicos - exigente no tratamento rigoroso das informações.

O rigor dos estudos de Wellington Pereira se mostra evidente desde trabalhos como “A razão efêmera – jornalismo em sala de aula” (1992). O autor é mestre em Letras, pela UFPB, e publicou sua dissertação com o título “Crônica; a arte do útil ou do fútil?”. Além disso, mantém uma produção profícua no campo da ficção, como demonstram os trabalhos “As possibilidades do róseo” (1992) e “Chanel 19; histórias no feminino” (2000). O trabalho é composto em quatro partes (ou quatro movimentos, conforme enuncia o próprio comunicólogo) e se define nos termos de uma análise do “Social Midiático”, dos problemas da “Enunciação” nas práticas jornalísticas, das “Injunções Éticas” subjacentes ao ofício dos jornalistas e, de modo original, investiga o espaço da “Cotidianidade”, como lugar privilegiado de construção das práticas sociais.

Cumpra-se ler, divulgar e discutir os textos constituintes de “O Beijo da Noiva Mecânica” apreciando as suas agudas intervenções no contexto da Comunicação, Cultura e Sociedade contemporâneas e – particularmente

– observando os modos como se apóia nos domínios da estética, da crítica cultural e política e das ciências da linguagem. O opus se abre com um texto preocupado com a inserção do imaginário rural no bojo do que o autor chama de “cultura mcworld”, em referência à expansão do modelo norte-americano – especificamente - no Brasil e na América Latina. Depois, suas inquietações se debruçam sobre as maneiras como a mídia se articula com o aparelho do Estado domesticando os corpos no controle dos indivíduos, e para isso dialoga com o filósofo Michel Foucault e suas idéias contidas na obra “Vigiar e Punir” (1999). Em seguida, na esteira de uma filiação crítica e de responsabilidade social, Pereira situa a “cultura dos pobres” na dimensão das formulações midiáticas e mercadológicas, utilizando-se, de modo original, das sugestões do sociólogo Michel Maffesoli, em “A Transfiguração do Político” (1997). Afinado com a perspectiva do “politicamente correto”, no texto “As TVs mostram os negros como mercadorias exóticas”, o jornalista recorre às fontes históricas, em autores como Alfredo Bosi (“Dialética da Colonização”, 1992), examinando a forma como a ficção televisiva seriada (“Uga, Uga”) derrapa na “representação” da sexualidade afro-brasileira de modo estereotipado.

Os ensaios curtos de Wellington Pereira têm a marca de um olhar cuidadoso, procurando atualizar a análise dos problemas urbanos contemporâneos - também - a partir de autores considerados clássicos do pensamento social e político. No estudo “Tocqueville na praia quando o arrastão passou”, discute os estilos da democratização brasileira e seu reverso, apoiado num mestre do pensamento liberal. Acertando os ponteiros no tratamento dos assuntos atuais, Pereira discute a relação entre a mídia e a educação com vigor, enunciando os termos de um diálogo entre a “razão pedagógica” e a “cultura midiática”; para isso remonta personagens ilustres como Marx, Lenin, Trotski, Mao e Fidel Castro.

Distinguimos em meio ao filão dos textos diversos que fluem nas páginas de “O Beijo da Noiva Mecânica” o ensaio “As mídias e as linguagens totalitárias”. Aqui, o autor explora o tema do Movimento dos Sem Terra e o tratamento que lhe é conferido nas páginas da revista VEJA. E mostra como “a retórica dos meios de comunicação procura negar as diferentes formas de sociabilidade, a partir de três operações”. Quais sejam: 1) “a imposição

de um modelo socioeconômico que ignora as diferenças culturais”; 2) a “negação das subjetividades como ferramentas para a decodificação das patologias do mundo do trabalho”; 3) “aniquilamento do imaginário das minorias sociais através de um totalitarismo lingüístico”, por meio de um “terrorismo conceitual” e legitimação dos sistemas políticos, através de “narrativas sem verossimilhança”. Para isso, estrategicamente, Wellington Pereira se arma de um sólido arsenal teórico e conceitual, deslocando-se pelas teorias do discurso (Patrick Charaudeau), teorias da informação (Phillipe Breton e Muniz Sodré) e sociologia compreensiva (Michel Maffesoli).

O trabalho é particularmente sensível aos problemas da “criação da narrativa jornalística” e a “construção do cotidiano pelos jornais”. Neste sentido, apóia-se em especialistas de envergadura no campo da semiótica e das teorias da significação, como Lúcia Santaella (Cultura das Mídias, 1992). Refinando os seus argumentos, Pereira se dedica a questões específicas no âmbito de uma teoria do jornalismo, detendo-se – por exemplo – num estudo da construção do cotidiano nos suplementos culturais. De maneira análoga, atualiza as suas observações examinando “o porquê da crônica” e o faz com correção lembrando Machado de Assis, João do Rio e Carlos Drummond de Andrade. Wellington persegue com entusiasmo os traços e pistas da cultura popular, em suas diversas manifestações, revisitando, por exemplo, os temas do carnaval e da quaresma – e recorre a historiadores como Peter Burke (“Cultura Popular na Idade Moderna”, 1989). Ainda por este prisma, investiga a estética do cotidiano, utilizando-se de um crítico e degustador da cultura como Walter Benjamin, e o faz retomando textos como “Diário de Moscou” (1989).

O livro envereda por regiões complexas e fundamentais da prática jornalística, tratando, por exemplo, dos procedimentos éticos que interagem no trabalho da comunicação social. Concorrem para sustentação do seu argumento nesta seara pensadores clássicos como Platão e Aristóteles, assim como outros mais recentes, como Paul Ricoeur, Hanna Arendt, João Almino (leitor de Kant) e Michel Maffesoli. Fazendo uso da imaginação criativa dos temas mitológicos, Wellington Pereira se debruça criticamente sobre alguns temas concernentes à ética e à política na construção do cotidiano pelo

jornalismo, recorrendo a figuras lendárias como Jasão e o mito do velocino de ouro.

A sua postura de (des)mitificação dos meios de comunicação se estende – com propriedade – na parte quatro do trabalho, destinada a discutir categoricamente o problema da cotidianidade. E neste sentido, o esforço resulta afirmativo também no que concerne à contemplação do enfoque pela mídia nacional às experiências banais – como a Praia de Nudismo (localizada em Tambaba, na Paraíba). Os processos de edição realizados pela mídia eletrônica, segundo o autor, tendem a fragmentar e descaracterizar o sentido das culturas locais. Em contraposição, ele aponta para a necessidade das mídias assimilarem “as diversidades das formas culturais do cotidiano”, escapando às representações grotescas.

“O Beijo da Noiva Mecânica” se perfaz como captura dos símbolos da sociedade de consumo e não hesita em reunir figuras díspares como Romário (conhecido jogador de futebol) e Lukács, apontando para os dribles e derrapagens possíveis na sociedade do espetáculo e cultura mercantilizada. Num outro registro, o escritor resgata a imagem filosófica de Nietzsche e sua alusão à dança, como expansão do espírito, mas aqui o faz ilustrando os gestos e passes na prática cotidiana pelos craques de futebol. Ironicamente, Pereira explora a questão do narcisismo estimulado pela mídia, debatendo o mito de Michael Jackson, e recolhe personagens típicos na história da cultura ocidental, como Dorian Gray. Como base para a sua argumentação relê Roland Barthes e a sua crítica das mitologias nas sociedades burguesas, neste itinerário reencontra mitos importantes para o imaginário audiovisual como Greta Garbo.

Com erudição, Wellington Pereira aborda ainda os símbolos sexuais que fervilham na cultura do atual e do cotidiano, encontrando na figura midiática da feiticeira e o seu uso do véu – num jogo que esconde e revela as aparências do erotismo fabricado – um pretexto para discutir a dimensão do barroco na dimensão estética contemporânea. Trata ainda de questões de difícil tratamento, como os temas do amor e da sexualidade, num texto dedicado à investigação do filme cubano “Morango e Chocolate” (Tomas Gutierrez), e situa o lugar sublime da amizade, guarnecido por um psicanalista de envergadura como Jurandir Freire Costa. Irreverente, o sociólogo Wellington Pereira recupera a angulação da licença poética como tradução

possível das tramas do cotidiano – aproximando leituras díspares, mas que aqui encontram o seu “lugar comum”- nas palavras e sons de François Rabelais e Caetano Veloso.

Por tudo isso, o livro “O Beijo da Noiva Mecânica” precisa ser lido e interpretado como expressão feliz de uma experiência científica, jornalística ou comunicacional, que privilegia as narrativas do cotidiano enquanto uma estratégia de aproximação rigorosa da comunicação, cultura e sociedade.